

A LUZ NOTURNA DA RAZÃO POÉTICA NA OBRA «LAMENTAIS VÓS AS SOMBRAS» DE JOSÉ CARLOS FRANCISCO PEREIRA

Samuel Dimas

Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima, 1649-023 Lisboa

(351) 217 214 000 | info@reitoria.ucp.pt

Resumo: A obra «Lamentai Vós as Sombras» de José Carlos Pereira invoca o diálogo bíblico e dramático de Job com Deus acerca de um poder espiritual que ecoa na poesia, retirando a palavra aos sábios e a arrogância aos fortes. A razão poética revela o conhecimento invisível da Vida em que pressentimos o Mistério das coisas. O caminho enunciado na luz noturna dos seus versos não se fecha no abismo da tragédia, mas abre-se ao horizonte da Esperança infinita. Na voz silenciosa dos seus poemas desenha-se essa terra divina de colinas e várzeas polinizadas pela dança dos ventos e das aves. Uma poesia do paraíso, no sentido em que manifesta a irreduzível relação de cumplicidade entre a natureza e a humanidade, num movimento dialógico entre estados de harmonia e de dissonância, com recurso ao jogo de contraste entre sombra e luz, escassez e abundância, deserto e oásis, terra e céu, ânimo e desespero.

Palavras Chave: razão poética, Deus, Paraíso

Summary: The work «Lamentai Vós as Sombras» by José Carlos Pereira invokes the biblical and dramatic dialogue between Job and God on the nature of a spiritual power that echoes in poetry and deprives the wise of their words and the strong of their arrogance. This poetic reason conveys that invisible knowledge about Life in which we may sense the Mystery of being. The path drawn by the nocturnal light of its verses does not enclose the abyss of tragedy but rather opens up onto the horizon of infinite Hope. In the silent voice of his poems, the author sketches this divine land of hills and lowlands pollinated by the play of their winds and birds. A poetry of paradise, in the sense of it demonstrating an irreducible relationship of complicity between nature and humanity, in a dialogic movement between states of harmony and dissonance, this makes recourse to a game of contrast between shadow and light, scarcity and abundance, desert and oasis, land and heaven, cheer and despair.

Keywords: poetic reason, God, Paradise

A luz noturna do conhecimento invisível da razão poética que revela a esperança do Paraíso

O título da obra poética «Lamentai Vós as Sombras» de José Carlos Pereira faz ecoar a palavra bíblica do livro de Job, no seu dramático, mas não trágico, diálogo divino. Reconhecendo que na mão de Deus está a alma de todos os seres e o espírito de todos os homens (Job 12, 10), Job invoca o poder desconcertante do Senhor, que retira a palavra aos sábios, priva de sensatez os anciãos, derrama o desprezo sobre os nobres, afrouxa o cinturão dos fortes. A poesia de hoje tem esta força e clama com o poeta de Deus: «descobre o que há de mais recôndito nas trevas / e traz à luz as sombras da morte» (Job 12, 22).

Também a poética de José Carlos Pereira se incendeia no avesso da palavra dos sábios, de razão lógica forte e segura, para rogar ao fogo do Espírito que, como o vento, sopra onde quer, sibilando o nome único e irrepitível de cada coisa e da cada alma. A razão poética invoca o Espírito que nos revela o conhecimento invisível da Vida. Ouvimos a sua voz e nela pressentimos o Mistério das coisas, mas não sabemos de onde vem nem para onde vai (Jo 3, 8). Abandonamo-nos na insegurança da confiança e partimos para o inaudito, como quem parte para o amor.

A poesia desta obra tem a textura de um relâmpago. Tem o brilho de uma espada que perfura a escuridão das trevas com o silêncio da voz divina. De cada sílaba jorra a originária presença do invisível e inaudível, como se as «flores nascentes»¹ dessa inocência arrebatassem o céu. O fim é o regresso à Origem. Não a origem pretérita da Ideia e do mesmo, mas origem futura, inventiva e eternamente criadora.

Assim, podemos dizer que José Carlos Pereira é o poeta do Mistério que se presentifica em cada sílaba iluminada pela sombra incandescente da noite. Mas é também o poeta do Paraíso, porque o caminho enunciado na luz noturna dos seus versos não se fecha no abismo da tragédia, mas abre-se ao horizonte do Infinito. Na sua voz silenciosa desenha-se essa terra divina de colinas e várzeas polinizadas pela dança dos ventos e das aves. Sonhos arrancados à espuma do mar por mãos saudosas e reclinadas sobre o Imenso. É o poeta da Presença divina que providencia a harmonia na mais desesperada desordem, a liberdade na mais inominada prisão, a luz na mais profunda treva, a vida na mais tenebrosa morte, o espírito na mais inerte matéria. A terra árida de agora é fértil de ânimo um dia², na Morada gloriosa de que a

¹ José Carlos Pereira, *Lamentais Vós as Sombras*, Lisboa, Alexandria Livros, 2014, p. 10.

² Cf. *ibidem*, p. 9.

alegria já prefigura e de que o tempo já se apodera. O paraíso é de amanhã e de hoje, no *já* e *ainda não* de quem peregrina na demanda interior de si³.

Poeta do Paraíso e do Excesso providencial, como se pode verificar pela imagética da presença arrebatadora e insondável de Deus nos elementos naturais, que a razão não pode tornar visível e objetivável⁴. Presença em relação metafórica com a corporeidade humana que também a revela na frieza dos ossos e no calor da saliva. Na aurora das «flores nascentes» e no entardecer em que «desagua o corpo»⁵ sentimos o movimento redentor da vida em ascensão silenciosa para uma condição de integral plenitude onde céu e terra, espírito e matéria se vivificam em fraterna relação.

Adverte o poeta que «(...) há apenas / Um degrau entre / A terra e o céu»⁶, pelo que o regresso à origem significa a plenificação misteriosa e teísta da identidade e da individualidade e não a diluição ou indiferenciação mítica e deísta no abstrato e vazio *absolutus*. O paraíso não significa a fuga do mundo, como se este fosse uma realidade má a superar, mas significa a consumação e plenificação do mundo, transfigurando o mal, a dor e a morte em bem, alegria e vida. Enquanto fruto da comunicação divina ou da relação de Deus *ad extra*, o mundo é elevado à condição de perfeição ou espiritualização, pelo que a escada celestial «É a vida afinal / No silvo do vento»⁷, com vista para as «antigas árvores»⁸, com a memória da «melancolia do mar»⁹ e com o sabor dos «pêssegos dourados»¹⁰.

A obra poética de José Carlos Pereira faz ecoar o hino de ação de graças do profeta Isaías e possuídos da sua ousadia podemos, pois, clamar: *lamentais vós as sombras* ó homens do conhecimento visível do mundo, não vedes que «os vossos mortos tornarão a viver, os seus cadáveres ressuscitarão, despertarão jubilosos os que jazem no sepulcro! Porque o vosso orvalho é um orvalho luminoso, e a terra das sombras dará à luz.» (Is 26, 19).

³ Cf. José Carlos Pereira, «O esquecimento do Paraíso» (prefácio), in Samuel Dimas, *Regresso ao Paraíso: Estudos sobre a redenção do mundo*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2014, p. 14.

⁴ Cf. *idem*, *Lamentais Vós as Sombras*, p. 10.

⁵ *Loc. cit.*

⁶ *Ibidem*, p. 17.

⁷ *Loc. cit.*

⁸ *Loc. cit.*

⁹ *Loc. cit.*

¹⁰ *Loc. cit.*

A vida do Paraíso no abraço da terra e do céu, da matéria e do espírito, do humano e do divino

Deste modo, estamos em presença de uma poesia do paraíso, no sentido em que manifesta a irreduzível relação de cumplicidade entre a natureza e a humanidade, num movimento dialógico entre estados de harmonia e de dissonância, com recurso ao jogo de contraste entre sombra e luz, escassez e abundância, deserto e oásis, terra e céu, ânimo e desespero. Como se em cada poema embarcássemos numa viagem dramática de êxodo ou exílio, que nunca se abisma porque não declina na escuridão irrevogável da tragédia, mas invariavelmente se eleva pelo reclinar saudoso sobre a memória da harmonia originária. O fim não é a morte, porque das sombras emerge a luz e das trevas renasce a Vida.

O lamento das sombras transfigura-se na exaltação da luz, porque a sua textura medeia a ascensão ao interior mais profundo de nós. O céu desaba em cada suspirar que o horizonte desvela nas clareiras provocadas pela tensão ineludível do caminho de procura, que é o caminho paradoxal do amor, por entre a perda e a posse, o abraço e o adeus, a quietude e a insatisfação, a doçura e a acidez. Nessa terra onde o vagar do crepúsculo tem o sabor da nêspira e do limão.

As luzes e as sombras pertencem ao mesmo e único sopro de vida, que faz do claustro provisório em que somos a planície definitiva daquilo em que nos vamos tornando, entre a chuva e o sol, o gelo e o calor, para lá da morada do orvalho e do silêncio imprevisível das aves e dos ventos. Casario de sonhos que o tempo deixou adormecido na dança apoteótica do regresso.

Como não nos emocionarmos com a saudação de que «a mesa está posta»¹¹ e as velas que a iluminam aguardam o vento que desarruma as ideias do preconceito e da posse, do egoísmo e do ódio, da intriga e da inveja? O amor que dança por entre as cadeiras e «os papéis no chão»¹² é o mesmo que vem no sopro do céu e no mastro da cruz, é o mesmo que encarna no «vermelho das camélias»¹³ e no silêncio da memória.

Estes poemas aproximam-se como berços e no embalo entre a noite e a aurora, pelo poder da razão simbólica dos seus versos, visionamos, de olhos fechados¹⁴, o horizonte latente e misterioso de sentido da realidade matricial divina. A realidade

¹¹ *Ibidem*, p. 15.

¹² *Loc. cit.*

¹³ *Ibidem*, p. 16.

¹⁴ *Cf. ibidem*, p. 17.

originária do Mistério tem uma manifestação racional e hermenêutica de sentido, captada pelas categorias lógico-cognitivas e que se traduz na representação cósmica do curso sensível e da objetivação científica. Mas esta realidade encerra um Excesso insondável cuja irrupção e revelação, no limite da realidade sensível, se realiza através da mediação simbólica, a qual se manifesta em duas formas essenciais: na configuração estética do mundo, realizada pela arte, e na revelação do sagrado, realizada pela religião¹⁵.

A beleza natural e a beleza da criação artística como símbolos da Beleza incriada de Deus

Consideramos que José Carlos Pereira é um poeta-filósofo desta linhagem, de autores como Leonardo Coimbra e Xavier Zubiri, para quem a realidade não se resume àquilo que se manifesta no plano da inteligibilidade intelectual e racional (*verum*) e no plano da vontade e responsabilidade ética (*bonum*), mas estende-se àquilo que se revela no plano do sentimento estético da beleza (*pulchrum*)¹⁶, quer no sentido da ordem e harmonia natural, quer no sentido da produção artística. Nesse sentido, defende um cruzamento epistemológico da metafísica com a filosofia e história da arte¹⁷, no reconhecimento de que a realidade é fruto do poder criador e livre do Espírito¹⁸.

No entanto, consideramos que esta classificação que associa a verdade à inteligibilidade racional e a estética ao sentimento é ainda insuficiente para caracterizar a função da poesia de José Carlos Pereira, porque esta, para além de não se reduzir à imitação, também não se limita à comunicação de emoções, e o seu labor de doação de múltiplos sentidos e de criação polissémica encerra uma dimensão gnosiológica reveladora de uma verdade do real que não é a verdade de ordem lógico-analítica, mas é a verdade de um sentir-pensar que concilia experiência e razão, intuição e dedução, intelecção e emoção, imaginação e crença, e nessa diversidade criadora revela o Mistério amoroso do Ser. Neste sentido, a beleza está na mesma ordem da verdade e da bondade, não por uma suposta contaminação teológica, mas pela evidência da própria realidade que se constitui na relação com o

¹⁵ Cf. Eugenio Trías, *La razón fronteriza*, Barcelona, Ediciones Destino S.A., 1999, p. 270.

¹⁶ Cf. Xavier Zubiri, *Sobre el Sentimiento y la Volición*, Madrid, Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1993, p. 355.

¹⁷ José Carlos Pereira, *As Doutrinas Estéticas em Portugal do Romantismo à Presença*, Lisboa, Editorial Hespéria, 2011, p.13.

¹⁸ Cf. *ibidem*, p. 137.

pensar metafísico-religioso e poético-simbólico. A verdade não é um problema apenas filosófico, ao nível da identidade e imutabilidade, clarividência e não contradição, também é um problema estético e poético, ao nível da criação afetiva de singularidades de alcance vital e heterológico, por contraposição com o plano da abstração e da invariação.

Para o autor das *Doutrinas Estéticas em Portugal*, como se entende da sua conceção metafísica da arte¹⁹ e como se observa da leitura dos seus poemas, a arte não é a arte desumanizada pela atitude de frieza e distância emocional, na repulsa pelas formas vivas, mas é a arte que preserva o seu sentido de transcendência, conotando nas suas formas mundanas a realidade sentimental e indizível do Mistério. A beleza particular, nas formas da natureza e da criação artística, surge como o resplendor da Verdade e da Beleza Pura de Deus²⁰. A beleza criada é esplendor do espírito na alma e na corporeidade, participando da beleza incriada da Vida integral de Deus, fonte de todos os seres²¹. Assim, reconhecendo o alcance soteriológico da arte, entendida como mediação vital entre o mundano e o divino, defende José Carlos Pereira que no sabor dos frutos e no verde das árvores, na saudade do mar e no silêncio das palavras revela-se o laço entre o céu e a terra, o humano e o divino, que «é a Vida afinal / No silvo do vento»²².

Este tópico é central em toda a sua obra com recorrentes referências à vitória da Vida sobre a morte, ou se quisermos, com insistentes alusões à morte como um dos momentos necessários da essência vital da realidade. É o que acontece, por exemplo, no poema outonal da queima das vides após a poda das vinhas, numa alusão à destruição e morte como momento transitório e relativo da força superior e absoluta da Vida, que prevalece nas formas múltiplas do ritmo cósmico: «Das vides espera o fogo / E será cinza e flor / Entregue à terra / Choro feito ferida / Morte feita vida / A rosa vem a nós / Leda sem pranto / E sem dor»²³. Esta imagética, também invocada no pórtico da obra com a citação de um aforismo de Li Shang Yin sobre a identificação das cinzas com o amor²⁴, remete-nos, não só para a parábola bíblica da semente que morrendo em terra boa dá novo fruto (Mt 13, 3-8), mas principalmente para o acontecimento pascal da morte como meio da ressurreição, que não significa

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 14.

²⁰ Cf. *ibidem*, p. 140.

²¹ Cf. *ibidem*, p. 158.

²² *Idem*, *Lamentais Vós as Sombras*, p. 17.

²³ *Ibidem*, p. 48.

²⁴ Cf. *ibidem*, p. 5.

voltar à mesma vida efémera e precária, mas significa ascender à perfeita e eterna vida de Deus (Jo 11, 25) num glorioso «triunfo sobre o nada»²⁵.

A razão poética é uma razão analógica e simbólica, que permite fazer a comunicação entre o lugar do aparecer do mundo sensível e o lugar oculto do mundo divino, tornando possível inferir de certos fenómenos do nosso mundo, como o movimento, a ordem, a bondade, a beleza e a verdade, a realidade misteriosa do ser de Deus²⁶. Por meio da razão poética e dos seus núcleos noético-emocionais, como a alegria, a dor e a graça, damo-nos conta de que a realidade é ao mesmo tempo matricial e cósmica, limítrofe e racional, reflexivo-crítica e simbólica. O símbolo é a janela aberta para os «dias inteiros»²⁷ de ondas levantes e sereias adormecidas no tempo. Um tempo de barcos distantes, onde tantas vezes apenas chegam as crianças na inocência iluminada do espanto e do maravilhamento.

Desse mistério ou nevoeiro só podemos dizer algo, na medida em que o mesmo se revela, mas essa revelação é feita no símbolo e no silêncio, no pranto da «espuma do mar»²⁸ que não é audível e visível ao ouvido e olhar do Mundo, mas sim ao sentir invisível da Vida em que cada um «talha o sangue»²⁹ e talha a alma, realizando o seu projeto de ser. A razão técnico-científica não é suficiente para erguer estas catedrais interiores, pois limita-se a transformar o mundo, a ligar palácios e prédios, a construir pontes e praças sobre rios de águas superficiais ou sem fundo³⁰. O juízo estético não se produz pela faculdade de entender, própria da razão teorética, nem pela faculdade de desejar, própria da razão prática, mas sim, pela faculdade de sentir e intuir da razão poética, a única que consegue destrinçar o momento em que as «Árvores / Despedias, serenas, / Aviltam a ira do vento / a moira do mar»³¹.

Acedemos às regiões misteriosas do sagrado, no imenso do mar e do céu, pela imaginação criadora, não apenas enquanto conjuga conceitos e intuições e concilia o entendimento com a sensibilidade, mas enquanto produz algo distinto dos esquemas necessários para o *conhecimento* segundo os princípios da natureza. A imaginação criadora produz uma obra de arte bela, seja um poema, uma escultura ou uma pintura, enquanto *símbolo* do supra-sensível, porque, como recorda José Carlos

²⁵ *Ibidem*, p. 41.

²⁶ Cf. Eugenio Trías, *La razón fronteriza*, p. 270.

²⁷ José Carlos Pereira, *Lamentais Vós as Sombras*, p. 21.

²⁸ Cf. *ibidem*, p. 22.

²⁹ *Ibidem*, p. 23.

³⁰ Cf. *ibidem*, p. 27.

³¹ *Ibidem*, p. 33.

Pereira, essas criações são apenas mediações e a verdadeira arte não está na pedra, na madeira ou no livro: «A poesia é outra coisa / Dizes está escrito no / Arco das portas do mar / Sim como no vento norte»³². A poesia é a Vida, onde não se desenvolve a ambição egoísta de «olhos ávidos» pelas coisas fáceis da materialidade sensível, nem a inveja destruidora de «corvos como homens / Bicando os dedos / Das crianças cegas»³³.

A arte como manifestação da presença divina e como meio da redenção integral do Mundo

A arte bela suscita a universalidade na inteligibilidade e suscita o prazer sem interesse, constituindo-se como símbolo ou presença do Amor e como símbolo das ideias da razão relativas ao Absoluto, permitindo revalidar a nossa relação originária com o Sagrado. Por via dessa criação artística e dessa celebração poética somos testemunhos da realidade supra-sensível do Sagrado. Não podemos aceder à morada de Deus, senão pela meditação e pela contemplação da sua beleza, bondade e verdade manifestas na ordem exterior e interior das suas criaturas. Uma experiência que revela a presença-ausência ou a imanência-transcendente do Mistério divino, representada na poética de José Carlos Pereira pela noção de impossível meditação acerca do «vento invisível na sombra» e da «sombra ao longe na escarpa»³⁴.

Para o poeta de *Lamentais Vós as Sombras*, na linha das metafísicas de Ficino e Miguel Ângelo, a beleza visível das criações artísticas não é apenas uma manifestação de Deus e uma alegoria da Sua Criação, mas é um caminho para a realidade invisível da verdadeira Beleza, restaurando a relação com a Origem³⁵. Partilhando com Leonardo Coimbra a noção de que a beleza natural e artística apresenta, de modo animado, vivo e dramático, a face mais sensível da eternidade, José Carlos Pereira situa-se no âmbito de uma estética metafísica de tradição judaico-cristã que, em oposição ao idealismo platónico e ao dualismo gnóstico, procura conciliar a Imanência com a Transcendência e concebe a vida mundana como manifestação sensível da Vida originária divina de plena convivência trinitária com um movimento que terá como

³² *Ibidem*, p. 28.

³³ *Ibidem*, p. 29.

³⁴ *Ibidem*, p. 39.

³⁵ Cf. José Carlos Pereira, *As Doutrinas Estéticas em Portugal do Romantismo à Presença*, pp. 146-147.

fim, não o aniquilamento do nada, mas sim a redenção integral de plena espiritualização³⁶.

Esta noção da restauração ou consumação plena da Criação na Vida divina do Criador, pela *Graça* do Espírito, concebida como redenção do momento de queda na materialidade do Universo e na *Dor* da existência humana e concebida como regresso à origem divina da *Alegria* de plena harmonia e comunhão³⁷, está representada de forma sublime no poema intitulado *Giotto*. Invocando a visão humanista do mundo subjacente à teoria da arte do pintor da Toscana (Vespignano di Mugello), que se caracteriza por identificar a figura dos santos com os seres humanos de aparência comum, José Carlos Pereira apresenta, de forma sublime, essa relação íntima e cúmplice entre o divino e o mundano, o inteligível e o sensível, o céu e a terra, a luz e as trevas, assente no Fundamento comum da Vida que se revela em diferentes dimensões. A graça da transcendência não é extrínseca à imanência, e o sobrenatural não é justaposto e exterior ao natural. Os homens salvos na glória da Graça do Céu não são diferentes dos homens perdidos na miséria da Dor da terra, a não ser na alteração da sua condição finita e mortal para a condição de perfeição imortal. Não há duas realidades, mas sim a mesma e essencial Vida com configurações distintas de acordo com plano do Mistério criador e redentor de Deus.

A terra é lugar de dor e a vida que nela flui é lugar de redenção do mal que provoca essa dor. É a inquietação e o sofrimento, na busca de sentido para os absurdos da injustiça, da desordem e da desarmonia, que nos conduz a «Tão grande silêncio»³⁸. O curso farto, ligeiro e fácil apenas se sutem no alvoroço da pressa. Quando chegar o vagar da dificuldade e do drama, fenece, sem tempo para esperar por essa paz silenciosa em que se ouve a voz de Deus. É na dor que a terra dá e na dor que a terra tira que se ascende à abundância do amor, que no «leito dos esposos»³⁹ faz participar a humanidade do Amor e da Alegria do Paraíso Celeste. A Alegria do Céu que nos permite pronunciar o nome único e irrepetível de cada pessoa, de cada coisa, de cada lugar e que nos conduz aos mistérios da escada celestial de São João Clímaco. Nesse caminho para a luz há segredos que se decifram, mas no avesso dessa ânsia de posse revela-se a imponderabilidade da viagem interior, cujo único destino é o Mistério. A progressiva descoberta desta interioridade faz-se de forma errónea com «O

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 158.

³⁷ Cf. *ibidem*, pp. 157-158.

³⁸ José Carlos Pereira, *Lamentais Vós as Sombras*, p. 34.

³⁹ *Loc. cit.*

inevitável passo em falso»⁴⁰. Mas o fim será de apocatástase ou de consumação plena na Vida de Deus com a terra a ser consumida pelo fogo do Céu e a matéria a ser glorificada pela verdade e beleza do Espírito, porque «Caídas as begónias / Incendeiam o chão»⁴¹.

⁴⁰ *Loc. cit.*

⁴¹ *Loc. cit.*